

## CONSTRUÇÕES MULTIVERBAIS NO DIALETO DO TRIÂNGULO MINEIRO

### MULTIVERB CONSTRUCTIONS IN THE DIALECT OF TRIÂNGULO MINEIRO, MINAS GERAIS

Cilene Rodrigues<sup>1</sup>

#### RESUMO

As construções de verbos seriados (CVSs) apresentam uma sequência de verbos sem mediação de um coordenador ou subordinador, formando um predicado complexo. São estruturas monossentenciais, com uma única camada funcional dominando toda a sequência verbal, e semanticamente apresentam leitura de evento único. No presente artigo, examinamos construções multiverbais observadas no dialeto do português brasileiro falado na região do triângulo mineiro, Minas Gerais, com a configuração [SUJ V<sub>1</sub> V<sub>2</sub> (OBJ)] com propriedades de CVSs. Sugerimos, em concordância com análises minimalistas recentes, que, nessas construções, V<sub>1</sub> é um item gramatical que codifica informações de aspecto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construções verbais seriadas. Sequências multiverbais. Dialeto do triângulo mineiro. Aspecto.

#### ABSTRACT

Serial verb constructions (SVCs) are formed by a verbal sequence not mediated by a coordinator or a subordinator. These are mono-clausal structures in which a single functional domain expressing tense, mood, aspect and negation dominates the verbal sequence. Semantically, they denote a single event. We examine multiverb constructions found in a dialect of Brazilian Portuguese spoken in the region of Triângulo Mineiro, state of Minas Gerais. These constructions have a [SUBJ V<sub>1</sub> V<sub>2</sub> (OBJ)] configuration, sharing many properties with SVCs. Following recent theories of SVSs, we suggest an analysis in which V<sub>1</sub> is a grammatical item encoding aspectual information.

**KEYWORDS:** Serial verb constructions. Multiverb sequences. Brazilian dialect of Triângulo Mineiro. Aspectual information.

## 1. Introdução<sup>2</sup>

As construções verbais seriadas (CVSs) são um traço areal e genético de várias línguas orais e sinalizadas.<sup>3,4</sup> São estruturas em que ocorre uma sequência de múltiplos verbos sem mediação de

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), [crodrigues@puc-rio.br](mailto:crodrigues@puc-rio.br), <https://orcid.org/0000-0001-5324-7486>.

<sup>2</sup> No presente artigo, divulgamos, na modalidade escrita, a pesquisa apresentada no *IV EGG – Encontro de Gramática Gerativa*, realizado online na UFBA, em março de 2023. A apresentação completa está disponível em vídeo no link <https://www.youtube.com/watch?v=7gLkkmJD1lo>.

<sup>3</sup> Embora não sejam comuns em línguas indo-europeias, particularmente nas línguas românicas e germânicas, as CVSs não são um fenômeno raro. Ross (2021) apresenta um levantamento em 325 línguas, encontrando estruturas CVS em 125 delas.

<sup>4</sup> Tipólogos argumentam que as CVSs são características (traços) linguísticos que podem espalhar arealmente, entre línguas na mesma região ou em contato. Por exemplo, de acordo com Aikhenvald (2022), a língua Tariana (Arawak – Amazônia brasileira) adquiriu CVSs por meio de contato intensivo com a língua Tukano.

um coordenador ou subordinador. Os dados abaixo (Baker & Stewart, 2002, p. 2), exemplificam CVSs simétricas, em que todos os verbos seriados projetam uma estrutura argumental plena, com compartilhamento dos argumentos externo e interno.

- (1) Òzó ghá gbè èwé khièn (edo - Nigéria)  
 Ozo FUT golpear bode vender  
 (Ozo vai matar vender o bode.)<sup>5</sup>
- (2) Musa du etsi kun (nupe - Nigéria)  
*Musa cozinhar inhame vender*  
 (Musa cozinhou vendeu inhame.)

Existem também CVSs assimétricas, onde um dos verbos seriados tem menos carga lexical, sendo muitas vezes chamado de verbo menor, não apresentando uma estrutura argumental completa. Essas CVSs também são encontradas em línguas orais e sinalizadas (Meakins, 2010; Aikhenvald, 2018; Aboh, 2009, 2015; Benedicto *et al.*, 2009, Couvee & Pfau, 2018, entre outros). Os dados abaixo ilustram CVSs assimétricas na língua oral gurindji kriol (Meakins 2010) e em libras (Souza, 2023).

- (3) dat karu im gon partaj karnti-ngka (gurindji kriol - Austrália)  
*a criança 3Sg ir subir árvore-Loc*  
 (A criança foi subiu na árvore.)
- (4) TIAGO<sub>a</sub> IR<sub>b</sub> ANDAR<sub>CL-bicicleta</sub> FESTA<sub>b</sub> (libras - Brasil)  
 (Tiago foi pedalou para a festa.)

No que se segue, discutimos as sentenças do português brasileiro em (5), que ocorrem com naturalidade no dialeto da região do Triângulo Mineiro (doravante, TM).<sup>6</sup>

- (5) a. Eu corri abri a porta para ela  
 b. Eu peguei lavei a louça toda  
 c. Eu fui levei ele para o hospital

<sup>5</sup> A tradução dessas construções para outra língua não é fácil e pode, muitas vezes, mascarar as propriedades do fenômeno. Por essa razão, optamos por apresentar apenas traduções literais de todos os exemplos de língua estrangeira. Usaremos parênteses para marcar que se trata de tradução literal.

<sup>6</sup> Não temos ainda um estudo empírico sobre a distribuição dialetal dessas construções, mas observamos que falantes de outras regiões também aceitam as sentenças em (5). Os dados aqui apresentados foram coletados pelo autor do presente artigo, na cidade de Matutina, Triângulo Mineiro, e refletem julgamentos de aceitabilidade de três falantes adultas, nativas do dialeto em questão. A coleta foi realizada informalmente com uso de julgamento binário de aceitabilidade, em 2022, em várias etapas, considerando a verificação das hipóteses da pesquisa. Ainda, a autora, Cilene Rodrigues, é falante nativa do dialeto em análise, tendo nascido, passado a infância e a adolescência nas cidades de Tiros e Matutina.

Estas sentenças assemelham-se a CVSs assimétricas, apresentando uma sequência multiverbal, em que  $V_1$  (*corri, peguei, fui*) funciona como verbo menor. No que se segue, analisamos as propriedades formais dessas sentenças, verificando se elas se comportam como CVSs assimétricas. Na seção 2, comparamos estas estruturas com CVSs. Na seção 3, apresentamos uma proposta de análise sintática. Na seção 4, concluímos a discussão.

## 2. Construções Seriadas: Propriedades Gramaticais

Alguns tipólogos argumentam que não há um conjunto universal de propriedades compartilhado por todas as construções que classificamos como CVSs (Paul, 2008; Seuren, 1990; Haspelmath, 2016). Na linguística formal, no entanto, compreende-se que o ponto de partida para a caracterização, classificação e análise das CVSs são as propriedades em (6) (Baker, 1989; Sebba, 1990; Baker & Stewart, 2002; Aboh, 2009, 2015; Aikhenvald, 2018; Couvee & Pfau, 2018; Lovstrand, 2021; Souza (2023), a.o.). Somente sentenças com estas propriedades podem ser classificadas como CVSs.

- (6) *Propriedades de construções seriadas*
- a. A sequência verbal não é mediada por elemento coordenador ou subordinador;
  - b. todos os verbos da sequência são independentemente atestados como verbos na língua em análise;
  - c. marcadores de TAM (tempo, aspecto e modo) e de negação têm escopo amplo sobre a sequência verbal;
  - d. a sequência verbal denota um único evento.

Portanto, na Gramática Gerativa, as CVSs são tratadas como estruturas monossentenciais, contendo um predicado complexo, formado por múltiplos verbos, dominado por apenas uma única camada de itens funcionais.

Na seção seguinte discutimos os dados do dialeto TM, considerando as propriedades em (6).

### 2.1. Diferenças Entre Seriadas e Coordenadas

As séries verbais das CVSs não são mediadas sindeticamente ou assideticamente por elemento subordinador ou coordenador. Esta é uma característica *sine qua non* das CVSs e uma indicação forte de que se trata de monossentenças.

Para Baker (1989), as CVSs se distanciam de coordenadas também por forçarem compartilhamento do argumento interno. Em (1), por exemplo, obtém-se a leitura de que o DP [o bode] é argumento interno dos dois verbos sequenciados, *matar* e *vender*. Não é claro, no entanto, se o compartilhamento do argumento interno é uma propriedade também das CVSs assimétricas, já que o verbo menor não parece projetar uma estrutura argumental completa (Aboh, 2018).

Outro teste de diferenciação entre CVSs (simétricas e assimétricas) e coordenadas é o licenciamento de movimento para posição A-barra. Estruturas coordenadas não são porosas para

movimento não simultâneo de constituinte (*Coordinate Structure Constraint* - Ross (1967)), mas as CVSs são, como demonstra o contraste entre (7b) e (8b) (Sebba, 1987, p. 100-101).

- (7) a. Mary go na wowoyo bay krosl (sranan - Suriname)  
*Mary IR LOC mercado comprar roupa*  
 (Mary foi ao mercado e comprou roupa.)
- b. \*Soortukrosl Mary go na wowoyo bay?  
*que (tipo de) roupa Mary IR LOC mercado comprar*
- (8) a. Kofi tekl a nefl kotl a brede (sranan - Suriname)  
*Kofi pegar a faca cortar o pão*  
 (Kofi pagou a faca cortou o pão.)
- b. San Kofi tekl a nefl kotl?  
*o que Kofi pegar a faca cortar*  
 (O que Kofi pegou a faca cortou?)

No entanto, nem todas as CVSs permitem o movimento A-barra. Baker & Stewart (2022:28-29) indicam que movimento A-barra envolvendo clivagem do objeto de  $V_2$  é possível em CVSs consecutivas (9), mas não em CVSs de finalidade (10).

- (9) Èkpétin òré Òzó dé àkhéi mú yì (edo - Nigéria)  
*caixa FOC Ozo comprar vaso colocar dentro*  
 (Foi numa caixa que Ozo comprou vaso colocou dentro.)
- (10) \*Èmió!wó nà òré Òzó mién ékítà rhié nà (edo - Nigéria)  
*carne que FOC Ozo encontrou cachorro dar para*

Assim como as CVSs, as construções multiverbais do Triângulo Mineiro diferem de estruturas coordenadas. Primeiro, observa-se que, nas construções multiverbais, a inserção de um elemento coordenador adiciona uma leitura extra. Por exemplo, em (12), em contraste com (11), é possível uma interpretação com dois eventos independentes sendo denotados (e.g. *correr* e *abrir* a porta). Essa interpretação não está disponível para os dados em (11). (11a), tem apenas a leitura *eu abri a porta para ela prontamente*. Ou seja,  $V_1$  (*corri*) em (11a) é interpretado, não como um evento independente, mas como um subevento do macro evento descrito. Voltaremos a essa caracterização semântica na seção 2.4.

- (11) a. Eu corri abri a porta para ela  
 b. Eu peguei lavei a louça toda  
 c. Eu fui levei ele pro hospital

Construções multiverbais no dialeto do triângulo mineiro

- (12) a. Eu corri e abri a porta para ela  
 b. Eu peguei e lavei a louça toda  
 c. Eu fui e levei ele pro hospital

As coordenadas e as construções multiverbais em análise contrastam entre si também em relação à aceitabilidade da repetição do mesmo verbo nas posições  $V_1$  e  $V_2$ . Em coordenadas, a repetição não é aceitável,<sup>7</sup> mas em construções multiverbais a aceitação é plena, com  $V_1$  funcionando como verbo menor e  $V_2$  como verbo principal.

- (13) a. \*Quando o ladrão chegou, eu corri e corri para debaixo da cama  
 b. \*Eu fiquei tão chateada que eu peguei e peguei a louça todinha e lavei  
 c. \*Eu fiquei com tanto medo que eu fui e fui pro hospital
- (14) a. Quando o ladrão chegou, eu corri corri para debaixo da cama  
 b. Eu estava tão confusa que eu peguei peguei o ônibus errado  
 c. Eu fiquei com tanto medo que eu fui fui pro hospital

Quanto a movimento A-barra, os resultados não são claros quando o teste é aplicado aos dados do TM. Como exemplifica o contraste abaixo, movimento *-qu* do objeto parece possível em estruturas coordenadas, mas não em estruturas multiverbais.<sup>8</sup>

- (15) a. Qual porta (que) você correu e fechou durante a tempestade?  
 b. Qual toalha (que) você pegou e lavou sem a autorização da camareira?  
 c. O que (que) você foi e comprou com meu cartão de crédito?
- (16) a. \*?Qual porta (que) você correu fechou durante a tempestade?  
 b. \*?Qual toalha (que) você pegou lavou sem a autorização da camareira?  
 c. \*?O que (que) você foi comprou com meu cartão de crédito?

Essas observações são inesperadas já que as estruturas coordenadas em (15) deveriam bloquear o movimento A-barra do objeto, enquanto as estruturas multiverbais em (16) deveriam licenciá-lo. Voltaremos a essa questão na seção 3. Por ora, observamos que a restrição a movimento A-barra em estruturas multiverbais parece estar restrito a movimento do objeto, já que sujeitos e adjuntos podem sofrer movimento *-qu*:

<sup>7</sup> Talvez as sentenças em (12) se tornem marginalmente aceitáveis quando lhes é atribuída leitura de evento repetido.

<sup>8</sup> Para algumas das informantes consultadas, os dados em (16) não são totalmente agramaticais. Parece haver nuances de prosódia envolvidas na aceitabilidade dessas perguntas. Não iremos explorar a questão no presente artigo, pois não observamos empíricas suficientes. Para mim (Cilene Rodrigues), as sentenças em (16) não são plenamente gramaticais, havendo de fato um contraste em aceitabilidade entre (15) e (16).

- (17) a. Quem, no seu sonho, correu fechou a porta na cara do ladrão?  
 b. Quem pegou jogou a toalha no chão?  
 c. Quem foi levou a criança pro hospital?
- (18) a. Onde (que) ele correu escondeu?  
 b. Onde (que) ele pegou jogou a toalha?  
 c. Pra onde (que) ele foi levou a criança?

Topicalização é possível nos dois tipos de estrutura ((19)-(20)). No entanto, topicalização não é um teste seguro de extração no português brasileiro já que a estrutura subjacente pode conter um pronome nulo resumptivo na posição de objeto.

- (19) a. A porta, eu corri e fechei assim que o fogo começou  
 b. A toalha, eu peguei e lavei sem a autorização da camareira  
 c. Essa camisa do fluminense, eu fui e comprei com o cartão da minha mãe
- (20) a. A porta, eu corri fechei assim que o fogo começou  
 b. A toalha, eu peguei lavei sem a autorização da camareira  
 c. Essa camisa do Fluminense, eu fui comprei com o cartão da minha mãe

Em resumo, as construções multiverbais em análise diferem de coordenadas, apresentando semelhanças morfológicas, sintáticas e semânticas com CVSs.

## 2.2. Da Natureza dos Verbos Sequenciados

Existem construções superficialmente semelhante às CVSs, mas com propriedades formais distintas. Considere como exemplo os dados em (21) do inglês, língua não serializadora. Embora superficialmente semelhantes às CVSs, as sequências verbais em (21) não se comportam como seriadas. Em (21a) [*him fall*] e [*her singing*] são constituintes, interpretados como o tema dos verbos *saw* e *heard*. Ou seja, essas sentenças, em contraste com o que observamos em CVSs, têm uma sintaxe de subordinação, com  $V_2$  sendo parte do complemento sintático de  $V_1$ . Note também que não há interpretação de evento único.

- (21) a. I saw him fall  
 b. I heard her singing

Casos menos claros são sentenças como (22) (Jaeggli & Hyams, 1993), onde  $V_1$  parece adicionar apenas semântica de aspecto, como discutido por Jaeggli & Hyams, sendo, portanto, semelhantes a CVSs assimétricas. No entanto, diferentes das CVSs, em (22), *come* e *go* não podem receber marca de flexão, como exemplificado em (22c&d). Além disso, estas sentenças têm um componente imperativo não observado em CVSs.

Construções multiverbais no dialeto do triângulo mineiro

- (22) a. I will go talk to his advisor today  
 b. Come talk to me  
 c. \*John goes talk to his advisor every day  
 d. \*Mary comes talk to me whenever she has a problem

Do mesmo modo, estruturas do português brasileiro com auxiliares, como (23), não podem ser comparadas a CVSs assimétricas, já que nelas não se observa leitura de macro evento e não há compartilhamento de marcadores de TAM.

- (23) Ela vai fechar a porta por causa de tempestade

Ainda, no *rol* de CVSs entram apenas sequências formadas por verbos atestados independentemente como verbos na língua. As construções multiverbais do Triângulo Mineiro satisfazem essa restrição já que todos os verbos sequenciados são independentemente atestados como verbos principais/independentes. *Correr, pegar, ir* são verbos que ocorrem independentemente:

- (24) a. Eu corri pra debaixo da cama  
 b. Eu peguei a toalha no armário  
 c. Eu fui pro hospital

Portanto, uma das perguntas do nosso estudo é: qual o *status* sintático de  $V_1$  nas sequências multiverbais?

### 2.3.TAM e Negação Sentencial

Nas CVSs, todos os verbos sequenciados compartilham a mesma marcação de tempo, aspecto e modo (TAM), embora as línguas serializadoras se diferenciem umas das outras quanto à realização dessas marcações em PF. Por exemplo, em gungbe (25), apenas  $V_1$  carrega informações de TAM, já em ewegbe e akan (26), a marcação de TAM se espalha por toda a sequência verbal. (Dados extraídos de Aboh (2015, p. 275))

- (25) É má ná n`ò nyàn ví lé yì (gungbe - Benim)  
 3Sg NEG FUT. HAB expulsa criança PL ir  
 (Ele não irá expulsar as crianças habitualmente.)
- (26) a. E tsɔ-\*(na) akɔɖu ɖu-\*(na) (ewegbe - Gana)  
 3Sg pegar-HAB banana comer-HAB  
 (Ele come banana habitualmente.)
- b. Kofi bɔ-ɔ Áma ku-u no (akan - Gana)  
 Kofi golpeou-PASS Ama morreu-PASS 3SG  
 (Kofi golpeou Ama morreu.)

As sequências multiverbais em análise assemelham-se às CVSs de ewebge e akan, realizando marcadores de TAM e concordância com o sujeito em todos os verbos sequenciados. Como ilustram os dados abaixo,  $V_1$  e  $V_2$ , de maneira obrigatória, compartilham e realizam em PF a mesma informação de tempo, modo e aspecto, manifestando, do mesmo modo, concordância com o sujeito. Observe que as sequências em (28d) e (29d), com  $V_2$  no infinitivo, embora gramaticais, não podem ser analisadas como CVSs, pois não têm as propriedades listadas em (6). Em (27d), *pegou levar* tem leitura de aspecto habitual e *vai* em [*vai levar*] é interpretado como auxiliar seguido de verbo.

- (27) a. Ele correu/pegou/foi levou ela pro hospital  
 b. \*Ele correu/pegou/foi leva ela pro hospital  
 c. \*Ele corre/pega/vai levará ela pro hospital  
 d. \*Ele correu/pegou/vai levar ela pro hospital

Dado que os dois verbos registram marcação TAM, podemos também descartar uma análise destas sentenças como construções coverbais (Baker & Harvey (2010)). Baker & Harvey (2010, p. 14) apresentam o dado em (28) da língua marra como exemplo de construção coverbal. De acordo com os autores, o verbo *rang* funciona como um coverbo e *anyi* como um verbo independente, sendo que o coverbo não apresenta marcação de tempo e modo<sup>9</sup>.

- (28) rang=ng-anyi Ø-manuga (marra - Austrália)  
*golpear=1SG.S/3SG.O-pegar.PC MA-pedra*  
 (Eu golpееi uma pedra.)

Em CVSs, observa-se variação também em relação à posição e ao escopo da negação. Em yorubá, por exemplo, a negação precede  $V_1$ , com escopo sobre toda a sequência ((29) - Collins (1997:486)). Em contraposição, em haruai ((30) - Comrie (1995: 31-30)), a negação ocorre como sufixo de  $V_2$ , mas também com escopo amplo. Em baule ((31) - Larson (1997:486)), a negação, com escopo amplo, ocorre antes e depois de  $V_2$ .

- (29) mi ko mu iwe wa (iorubá - Benim/Togo/Nigéria)  
*1Sg não pegar livro vir*  
 (Eu não trouxe o livro.)
- (30) An dw rōbō p-ò y-n-η (haruai – Papua Nova Guiné)  
*IPl ir água pegar-NEG-FUT-IPL*  
 (Nós não vamos pegamos água.)

<sup>9</sup> A descrição de construções coverbais apresentada por Baker & Harvey sugere que estas são estruturas como CVSs assimétricas, onde apenas o verbo menor realiza em PF informação funcional. Não iremos discutir a questão. Vale ressaltar, no entanto, que, de acordo com Baker & Harvey, em algumas línguas (e.g. línguas australianas), os coverbos não ocorrem de maneira independente na língua. Essas estruturas são, assim, diferentes de CVSs assimétricas, aproximando-se de estruturas com realização de *v* (*vezinho*). De qualquer modo, indicamos que as construções multiverbais do TM em discussão não se assemelham ao que é descrito por Baker & Harvey como construções coverbais.

Construções multiverbais no dialeto do triângulo mineiro

- (31) O fa-man agba man-man Yao (baule - Costa do Marfim)  
 3SG pega-NEG mandioca dar-NEG Yao  
 (Ele não pegou deu mandioca para Yao.)

As construções multiverbais do TM licenciam três configurações em relação à negação: (a) negação antes  $V_2$  (32), (b) negação antes de  $V_1$  (33) e, similar ao Baule, pode ocorrer também dupla negação, como em (34).

- (32) a. Eu corri num abri a porta para ele  
 b. Eu peguei num lavei os pratos  
 c. Eu fui num levei pro hospital
- (33) a. Eu num corri abri a porta para ele (não)  
 b. Eu num peguei lavei os pratos (não)  
 c. Eu num fui levei ele pro hospital (não)
- (34) a. Eu num corri num abri a porta para ele (não)  
 b. Eu num peguei num lavei os pratos (não)  
 c. Eu num fui num levei ele pro hospital (não)

Na primeira configuração, a negação tem escopo estrito. A interpretação dada para (32a) é [*eu [não abri a porta] prontamente*]. Nas outras configurações ((33) e (34)), a negação tem escopo amplo, sobre toda a sequência. Em (34), a dupla ocorrência da negação parece ser de natureza enfática, com a ocorrência pré  $V_2$  funcionando como reforço da ocorrência pré  $V_1$ . Importante para a caracterização e análise dessas construções é a observação de que as sentenças em (33) e (34) não licenciam interpretações com dois eventos sendo independentemente negados.

## 2.4. Semântica de Evento Único

A série verbal das CVSs denota um único evento. Nas CVSs simétricas, geralmente aplica-se a noção de macro evento ou evento expandido, com cada um dos componentes verbais da sequência sendo interpretado como um subevento do evento denotado. Para Pi & Stewart (1998), a estrutura sintática dessas construções projeta um único núcleo eventivo, imediatamente acima de *VoiceP*, tendo, portanto, escopo sobre toda a sequência verbal. A análise dos autores foca em CVSs simétricas resultativas e consecutivas, exemplificadas em (35a) e (35b) respectivamente.

- (35) a. Òzó gbé úkpù guògbó (edo - Nigéria)  
 Ozo bateu copo quebra  
 (Ozo bateu no copo quebrou.)

- b. Òzó lé èvbàré ré  
*Ozo cozinha arroz come*  
 (Ozo cozinhou arroz comeu.)

Pi & Stewart observam que CVSs resultativas e consecutivas não têm a mesma semântica. Em resultativas os verbos sequenciados mantêm entre si uma relação de causa, formando um único macro evento, onde  $V_1$  descreve o processo e  $V_2$  o estado resultante. Em consecutivas, a relação semântica entre os verbos é temporal, de precedência ou consequência, com cada verbo denotando um micro-evento independente, que juntos formam um macro evento. De fato, as CVSs resultativas são mais restritivas em sua composição. Primeiro, a posição  $V_1$  está restrita a verbos de atividade. (36) é agramatical porque  $V_1$  é um verbo de estado. Segundo, as resultativas aceitam o modificador *em uma hora*, mas não *por uma hora* (37). As CVSs consecutivas não apresentam essas restrições, como exemplificam (38) e (39).

- (36) Òzó má ùkpù zèzè guògbó (edo - Nigéria)  
*Ozo molda copo forte quebra*  
 (Ozo moldou muito forte o copo quebrou.)
- (37) Òzó kòkó àdésúwà mòsè vbé ùkpó ìsén/\* là ùkpó ìsén  
*Ozo criou Adesuwa ser-bonita em ano cinco/ por ano cinco*  
 (Ozo criou Adesuwa ficou bonita em cinco anos.)
- (38) Òzó mièn ùkpù dè khién (edo - Nigéria)  
*Ozo vê copo compra vendeu*  
 (Ozo viu copo comprou vendeu.)
- (39) Òzó dé èkpò ízè lé là ùkpó ìsén /vbè ùkpó ìsén  
*Ozo comprar saco arroz comer por ano cinco/em ano cinco*  
 (Ozo comprou saco de arroz comeu por/em cinco anos.)

Para Pi & Stewart, essas diferenças semânticas refletem a sintaxe dessas construções. Em CVSs resultativas os dois verbos escabeçam um único VP; em CVSs consecutivas, cada verbo encabeça um VP separado.<sup>10</sup>

Nas CVSs assimétricas, geralmente o verbo menor contribui composicionalmente para a semântica do todo indicando algum tipo de movimento relacionado ao evento denotado pelo verbo principal. Lovstrand & Ross (2021) apresentam um levantamento tipológico dessas CVSs e uma análise mais refinada da semântica do verbo menor. Os autores discutem quatro tipos semânticos de verbos menores: movimento direcional (40a), movimento prévio (40b), movimento simultâneo (40c), movimento subsequente (40d).

<sup>10</sup> Ver Foley (2011) para uma análise semântica similar para as CVSs resultativas.

Construções multiverbais no dialeto do triângulo mineiro

- (40) a. Piti dən khûn paj (tailandês - Tailândia)  
*Piti caminha ascende vai*  
 (Piti sobe (para longe do locutor).)
- b. U-nak w-i-chúlokuh (arapesh - Papua Nova Guiné)  
*3PL.F.SBJ.IRR-ir 3 PL.F.SBJ-IRR-lavar*  
 (Eles vão lavarão.)
- c. Niwan-burri-yarrba yathuyii-ja warra-ja, (kayardild - Austrália)  
*3SG-aparece-PRECON sorri-ACT ir-ACT*  
*jungarra-ya dulk-i*  
*grande-LOC lugar-LOC*  
 (Depois de sair do mar, [Kajurkju] se foi sorrindo.)
- d. n=tua yan n=mul (taba - Papua Nova Guiné)  
*3SG=compra peixe 3SG=retorna*  
 (Ele comprou peixe retornou.)

Dentro desta classificação, as construções multiverbais do Triângulo Mineiro assemelham-se semanticamente às CVSs de movimento prévio, pois descrevem como a ação de inicialização do evento se deu. Embora não seja fácil depreender a semântica exata dessas construções, nosso entendimento é que  $V_1$  sempre descreve a maneira como o evento denotado por  $V_2$  se inicia. Importante para a nossa análise,  $V_1$  não descreve a maneira como o evento denotado por  $V_2$  se desenrola.<sup>11</sup> Evidência disso é a gramaticalidade de (41), que licencia um adjunto de modo com semântica oposta à semântica  $V_1$ .

- (41) Eu corri abri a porta bem devagarinho

Considerando a análise de Pi & Stewart (1998), concluímos que, as sequências multiverbais em análise denotam um micro evento, onde  $V_1$  especifica a maneira como o evento se inicia. Se o verbo *abrir* tem a estrutura eventiva em (42a) (cf. Rappaport & Levin, 2005),  $V_1$  em (42b) é um caracterizador do componente [x ACT] de  $V_2$ .

- (42) a. *abrir*: [[ x ACT] CAUSE [BECOME [y]]]  
 b. Eu corri abri a porta

<sup>11</sup> Um dos pareceristas questionou sobre a classe léxico-semântica de  $V_2$  considerando a hipótese de que apenas verbos agentivos transitivos podem ocorrer nesta posição. A gramaticalidade dos dados em (i) indica que diferentes classes podem ocorrer na posição de  $V_2$ .

- a. Eu peguei dormi mais cedo  
 b. Eu fui me aborreci com ela  
 c. Eu corri fiquei toda bonita para ele



- (45) a. Súrù zé àgbán /\*túklá /\*wányínyí/\*nunywén (gbe - Benim)  
Suru pegou prato/\*problema/\*amor/\*conhecimento  
(Suru pegou um prato/\*problema/\*amor/\*conhecimento.)
- b. Sétù zé wányínyí kpé mì tò àfò' nù dọ'dọ'  
Setu pega amor encontra 1SG.ACC de manhã cedo  
(Setu pegou me causou (ou me encontrou com) amor hoje cedo.)
- c. Sétù zé àwájìjẹ' yí yé  
Setu pega alegria recebe 3PL  
(Setu recebeu eles com alegria.)

Para Aboh (2015, 2018) as CVSs simétricas também envolvem processo de gramaticalização de um dos verbos. Ou seja, línguas serializadoras são línguas com raízes polifuncionais.

Conforme discutido na seção anterior, as construções multiverbais do TM se assemelham às CVSs assimétricas e os dados apresentados indicam que  $V_1$  funciona na estrutura como um elemento funcional. Como discutido na seção 2.4,  $V_1$  especifica semanticamente a maneira como o evento denotado por  $V_2$  se inicia. Claramente, nessas construções,  $V_1$  não tem relação temática com o argumento interno. (46), por exemplo, não engatilha a leitura de que *o João pegou a Maria e a beijou*, mas a leitura de que *o João beijou a Maria sem demora*.

- (46) o João pegou beijou a Maria

Portanto, entendemos que  $V_1$  é um marcador de aspecto e, partindo da teoria de Aboh, sugerimos a estrutura sintática em (47) para as sentenças multiverbais do TM.  $V_1$  é inserido na periferia esquerda da estrutura argumental de  $V_2$ , como núcleo da projeção de AspP. Se assim for, na gramática do TM, ocorre esvaziamento léxico-semântico dos verbos que entram na posição  $V_1$  das construções multiverbais, tornando-os capazes de funcionar como marcadores de aspecto.

- (47)  $[_{TP} [_{DP} \text{ o João}] [_{T'} T [_{VoiceP} [_{DP} \text{ o João}] [_{Voice'} \text{ Voice} [_{AspP} [_{Asp'} \text{ pegou} [_{vP} [_{v'} \text{ beijou} [_{VP} [_{V'} \text{ beijou} [_{DP} \text{ a Maria}]]]]]]]]]]]]]]]]]]]]]$

Esta análise nos permite caracterizar as construções multiverbais do TM como CVCSs assimétricas, apresentando uma estrutura monosentencial, com todos os componentes verbais da sequência compartilhando o argumento externo e informações de tempo, modo e aspecto. Nos permite ainda explicar a semântica de um evento único e o escopo amplo da negação quando esta precede  $V_1$ . No entanto, em seu estágio atual, a proposta apresenta duas limitações: (a) dada a estrutura em (47) o escopo da negação sentencial deveria ser sempre amplo, mas como vimos na seção 2.3 e exemplificado novamente em (48), quando a negação precede  $V_2$ , seu o escopo está restrito a  $V_2$ ; (b) não é claro porque e como a estrutura (47) bloqueia o movimento A-barra do argumento interno, como discutido na seção 2.1 e ilustrado em (49).

- (48) [eu [corri [não abri a porta]]]
- (49) \*?Quem que o João pegou beijou?

Os dados em (48) e (49) apontam para diferenças sintáticas entre as construções multiverbais do TM e as CVSs assimétricas. Não temos uma explicação clara para o escopo restrito da negação sentencial em (48). Uma hipótese é que  $V_1$  se move para uma posição alta na estrutura, estando, assim, fora do escopo da negação em LF, mas, no momento, não temos evidência de que esse movimento ocorre. Portanto, deixaremos a questão para pesquisas futuras. Sendo  $vPs$  domínios porosos para extração A-barra, o bloqueio ao movimento do objeto de  $V_2$  em (49) não é esperado. Mas há aqui algo a ser investigado. Aboh (2018) aponta que nas CVSs analisadas por ele ocorre inversão entre  $V_2$  e o objeto ( $[V_2 \text{ OBJ} \rightarrow \text{OBJ } V_2]$ ). Essa inversão não é observada nos dados do TM. Se Aboh estiver correto, em CVSs o objeto move para a periferia do  $vP$ , como em (44). Assim, se  $vP$  for uma fase, é este movimento intermediário do objeto que o torna disponível para computações no nível do CP. Em gramáticas como a do TM, onde não ocorre a inversão  $[\text{OBJ } V_2]$ , não se observa movimento A-barra do objeto. Para a verificação desta hipótese é necessário uma coleta empírica translinguística entre as línguas serializadoras para analisar o contexto sintática que licencia movimento -qu do argumento interno.

Para concluir, as CVSs do TM bloqueiam passivação e modificação de  $V_1$ . Como ilustramos em (50) e (51),  $V_2$  pode ser passivado e modificado, mas não  $V_1$ . Esses dados indicam que  $V_1$  e  $V_2$  não estão na mesma posição na estrutura sintática. Portanto, essas estruturas não são coordenadas de verbos ou de VPs.

- (50) a. Eu peguei fui levada pro hospital  
 b. Eu corri fui levada pro hospital  
 c. \*Eu fui pegada levada pro hospital  
 d. \* Eu fui corrida levada pro hospital
- (51) a. Eu peguei bloqueei ele rapidamente  
 b. Eu corri fechei a porta na raiva  
 c. \*Eu peguei rapidamente bloqueei ele  
 d. \*Eu corri na raiva fechei a porta

#### 4. Conclusão

No presente artigo descrevemos e analisamos construções multiverbais do dialeto do português brasileiro falado no Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais. As observações empíricas indicam que se trata de CVSs assimétricas. Sugerimos que essas são estruturas monosentenciais, onde  $V_1$  funciona como item gramatical de realização de informação aspecto, situada na periferia esquerda da estrutura argumental projetada por  $V_2$ .

Construções multiverbais no dialeto do triângulo mineiro

Aikhenvald (2018) observa que todas as línguas serializadores licenciam CVSs assimétricas, mas nem todas licenciam CVSs simétricas. Aboh (2015, 2018) considera que em línguas serializadoras as raízes são polifuncionais, entrando na estrutura sintática com verbos ou itens funcionais. Essas duas observações nos levam à hipótese de que o processo de serialização de uma língua se inicia com o esvaziamento do conteúdo semântico de alguns verbos (verbos menores), mas esse esvaziamento pode se espalhar no léxico, fazendo com que a língua passe a licenciar CVSs simétricas. Essa hipótese é pertinente para o estudo das construções multiverbais do TM, onde se observa, de maneira ainda pouco produtiva, ocorrências de CVSs simétricas consecutivas:

- (52) a. Eu estudei passei no vestibular  
b. Eu limpei desinfetei a casa

Investigações sobre a natureza dessas estruturas e seu surgimento no dialeto do TM pode nos dar pistas importantes também sobre o léxico das línguas, particularmente sobre a origem das categorias funcionais na linguagem humana.

## Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelo financiamento de pesquisa (Bolsa de Produtividade), ao público da *IV EGG – Encontro de Gramática Gerativa* (UFBA, 2023), aos pareceristas, editores e equipe editorial do presente volume da *Revista Linguística* pelos preciosos comentários e sugestões.

## Referências

- ABOH, O. E. Clause structure and verb series. *Linguistic Enquiry*, 40, pp. 1-33, 2009.
- ABOH, O. E. *The Emergence of Hybrid grammar: Language Contact, Change and Creation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- ABOH, O. E. What if your roots are polyfunctional? The lexical entry problem in Benue-Kwa. In: ADESOLA, O., AKINLABI, A.; ORIE, O. (eds.), *Data-rich linguistics: papers in honor of Yiwola Awoyale*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishers, 2018, pp. 83-116.
- AIKHENVALD, A. Y. *Serial verbs*. Oxford Studies in Typology and Linguistic Theory. Oxford University Press, 2018.
- AIKHENVALD, A. Y. On the rise: The expansion of Serial Verb Constructions in Tariana. *Stellenbosch Papers in Linguistics Plus*, v. 65, pp. 217-231, 2022.
- BAKER, B.; HARVEY, M. Complex predicate formation. In: AMBERBER, M.; BAKER, B.; HARVEY, M. (eds.) *Complex predicates: cross-linguistic perspective on event structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 13-47.
- BAKER, M. Object Sharing in Serial Verb Constructions. *Linguistic Inquiry*, v. 20, pp. 513-553, 1989.

- BAKER, M.; STEWART, O.T. *A serial verb construction without constructions*. Ms. Rutgers University, 2002, pp. 1-59.
- BENEDICTO, E.; CVEJANOV, S.; QUER, J. The Morphosyntax of Verbs of Motion in Serial Constructions: A Crosslinguistic Study in Three Signed Languages. In: QUER, J. (ed.) *Signs of the time*. Selected papers from TISLR 2004. Signum Verlag, 2008.
- CARSTENS, V. Antisymmetry and word order in serial constructions. *Language*, v. 78, pp. 3-50, 2002.
- COLLINS, C. Argument sharing in serial verb constructions. *Linguistic Inquiry*, v. 28, pp. 461-497, 1997.
- COMRIE, B. Serial verbs in Haruai (Papua New Guinea) and their theoretical implications. In: BOUSCAREN J.; FRANCKEL, J.; ROBERTS, S. (eds.) *Langues et langage, problèmes et raisonnement en linguistique: Mélanges offerts à Antoine Culioli*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995, pp. 25-37.
- COUVEE, S.; PFAU, R. Structure and grammaticalization of serial verb constructions in sign language of the Netherlands: a corpus-based study. *Frontiers in Psychology*, v. 17, 2018.
- FOLEY, W. A. Events and serial verb construction. In: AMBERBER, M.; BAKER, B.; HARVEY, M. (eds.) *Complex predicates: cross-linguistic perspective on event structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 79-109.
- HASPELMATH, M. The serial verb construction: comparative concept and cross-linguistic generalizations. *Language & Linguistics*, v. 17, pp. 291-319, 2016.
- JAEGLLI, O.; HYAMS, N. On the independence and interdependence of syntactic and morphological properties of English aspectual come and go. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 11, pp. 313-346, 1993.
- LARSON, M. The empty subject construction: verb verb serialization in Baule. In: ABOH, E. O.; ESSEGBEY, J. (eds.) *Topics in Kwa syntax*. Dordrecht: Springer, 2010, pp. 195-232.
- LARSON, R. Some issues in verb serialization. In: LEFEBVRE, Claire (ed.) *Serial verbs: grammatical, comparative and Cognitive Approaches*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, pp. 185-211.
- LOVESTRAND, J. Serial Verb Constructions. *Annual Review of Linguistics*, v. 7, pp. 109-130, 2021.
- LOVESTRAND, J.; ROSS, D. Serial verb constructions and motion semantics. In: GUILLAUME, A.; KOCH, H. (ed.) *Associated Motion*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2021, pp. 87-128.
- MEAKINS, F. The development of asymmetrical serial verb constructions in an Australian mixed language. *Linguistic Typology*, v. 14, pp. 1-38, 2010.
- NISHIYAMA, K. V-V compounds as serialization. *Journal of East Asian Linguistics* v. 7, pp. 175-217, 1998.
- PAUL, W. The serial verb construction in Chinese: A tenacious myth and a Gordian knot. *The Linguistic Review*, v. 25, pp. 367- 411, 2008.
- PI, C-Y.; STEWART, O. T. Micro-events in two serial verb construction. In: evon STROLOVITCH, E.; LAWSON, A. (eds.), *Proceedings of SALT 8*. Ithaca. NY: Cornell University, 1998, pp. 202-214.

Construções multiverbais no dialeto do triângulo mineiro

RAPPAPORT, H.; LEVIN, B. Change of state verbs: implications for theories of argument projection. In: ERSTESCHIK-SHIR, N.; RAPOPORT, T. (eds.) *The Syntax of Aspect*. Oxford: Oxford University Press, 2005, pp. 274-286.

ROSS, D. *Pseudocoordination, serial verb constructions and multi-verb predicates: the relationship between form and structure*. Tese de Doutorado, University of Chicago, 2021.

ROSS, J. R. *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de Doutorado, MIT, 1967.

SEBBA, Mark. *The syntax of serial verbs: an investigation into serialisation in Sranan and other languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1987.

SEUREN, P. Serial verb constructions. In: JOSEPH, B. D.; ZWICKY, A. (eds.) *When Verbs Collide: Papers from the (1990) Ohio State Mini-Conference on Serial Verbs*. Ohio State University Working Papers in Linguistics, 1990, pp. 14-33.

SOUZA, I. G. *Construções verbais seriadas: uma caracterização intermodal*. 2023. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2023.

STEWART, O. T. Some restrictions on objects in Twi. *Journal of African Languages*, v. 2, pp. 145-149, 1963.